

Literatura e violência: entrevista com Tatiana Salem Levy

Sandro Adriano da Silva* 

O cenário da literatura brasileira contemporânea de autoria feminina e, por extensão, os estudos críticos, especialmente de vertente feminista que têm nela seu escopo, apontam para a emergência de visibilidade e legitimação das singularidades das autoras, suas demandas temáticas e suas assinaturas estéticas, mormente nucleadas por complexos processos de interseccionalidade de gênero, classe, e relações étnico-raciais. Nesse sentido, Figueiredo (2020), ao mapear a produção em prosa feminina brasileira do século XXI, constata que as escritoras

têm demonstrado cada vez maior liberdade na escrita ficcional de aspectos que envolvem seus corpos, abordando temas como erotismo, gravidez, aborto, maternidade, estupro, incesto, relações abusivas, menstruação, TPM, distúrbios alimentares (anorexia e bulimia), automutilação, prostituição, lesbianidade, velhice (FIGUEIREDO, 2020, p.11).

A violência de gênero, tanto física quanto simbólica, que tem apresentado índices alarmantes, é legitimada ao se inscrever “em uma natureza biológica que é, por sua vez, ela própria uma construção naturalizada” (BOURDIEU, 2015, p.33) e apresenta uma faceta *objetiva*, segundo Žižek (2015, p. 18), posto estar sustentada em uma “normalidade do nível zero contra a qual percebemos algo como subjetivamente violento”. *Vista Chinesa*, último romance de Tatiana Salem Levy, emerge como exemplo de “formas essenciais de vulnerabilidade que inscrevem o corpo da mulher num quadro de relações assimétricas com consequências muitas vezes dramáticas” (BESSE, 2018, p. 37) – levadas à experiência-limite do estupro e no trauma que constitui narrá-lo. Nesta entrevista, a autora discorre sobre essas e outras questões que incidem sobre seu fazer literário, sua condição de gênero e as reverberações necessárias no debate público.

Sete anos separam *Vista chinesa* (2021) do então último romance, *Paraíso* (2014). O que significou esse hiato temporal e literário?

* Doutorando em Literatura na Universidade Federal de Santa Catarina e professor de Literatura Brasileira da Universidade Estadual do Paraná, PR, Brasil. E-mail: sandro.silva@ies.unespar.edu.br.

Tatiana Salem Levy - Não são bem sete anos, eu considero cinco, porque *Paraíso* foi publicado em dezembro de 2014 e, *Vista chinesa*, em janeiro de 2020, já estava prontíssimo, ia sair no início de 2020, mas aí, por conta da pandemia, a gente suspendeu a publicação, adiou e ficamos esperando o momento certo. Enfim, nunca chegou, porque a pandemia continua aí. Acabou saindo só em 2021, mas já era para ter saído, então, eu considero como um intervalo de cinco anos. Em todo caso, foi um intervalo maior do que o intervalo entre os outros livros. Foi sobretudo o fato de eu ter me tornado mãe de duas crianças nesses cinco anos, então é normal que a gente trabalhe um pouco menos, gravidez, amamentação. Sobre o primeiro filho, eu escrevi menos ficção. Fiquei mais concentrada nos outros trabalhos.

A chave de casa surge de parte de sua tese de doutoramento, e é tomado como um romance de autoficção. Como foi essa experiência laboratorial entre o ensaio e a ficção?

Tatiana Salem Levy - Eu não diria que foi uma experiência entre o ensaio e a ficção. É mesmo uma ficção, é um romance, é um romance autoficcional sem dúvida, mas é um romance, não é um ensaio. A proposta foi justamente essa de apresentar um romance como tese, a de validar essa possibilidade de um romance também valer como produção de saber, um romance valer no lugar de uma tese de doutorado. Foi uma proposta da minha orientadora, Marília Rothier Cardoso, na PUC [Pontifícia Universidade Católica] do Rio de Janeiro, que levei adiante. A minha tese era constituída pelo romance e no fim do romance havia um ensaio. Era um ensaio, hoje em dia tem um nome para esse tipo de ensaio, me esqueci, vou ver depois se eu me lembro para te dizer, mas era um ensaio pessoal, autobiográfico, que misturava a minha trajetória, o meu percurso na cidade até a escolha por defender um romance, e que misturava questões próprias d' *A chave de casa*, como a herança recebida dos antepassados manifesta no corpo das personagens relacionada a essa mesma questão em obras de outros autores de literatura, como, por exemplo, Samuel Beckett, Kafka... Então eu ia trabalhando um pouco com autores que tinham sido referência para mim e com meu próprio percurso. Ia misturando essas duas coisas, mas era um ensaio bem ficcional, em que as citações, por exemplo, não tinham aspas, não tinham nota de rodapé e número de página.

Escritora, você também é crítica literária. E sua obra evidencia uma preocupação com a arquitetura do romance ou sobre o aspecto metafictional, sobretudo em *Paraíso*. Em que medida essas duas entidades textuais tão distintas se encontram (ou se separam) no ato criador?

Tatiana Salem Levy - Acho que todo escritor pensa a arquitetura do texto, é fundamental. Não existe texto sem esse esqueleto, então, tendo estudado literatura ou não, tendo estudado teoria literária ou não, o escritor sempre pensa a arquitetura daquilo que ele escreve. Eu me considero duas Tatianas muito diferentes, quando escrevo teoria e quando escrevo ficção. Hoje em dia, na minha teoria, acho que eu trago muito da ficção, mais do que o contrário, mais do que trazer

teoria para a ficção. Eu gosto de pensar que estou trazendo a ficção para a teoria. Em termos linguísticos, em termos do que é a escrita, para ser uma escrita menos formal, menos pesada, menos academicista. Mas, quando estou escrevendo literatura, a minha preocupação é conseguir dizer aquilo que quero dizer. Então, claro que tem uma preocupação com a linguagem, mas sobretudo para fazer com que as palavras se aproximem daquilo que está me levando a escrever o romance. Todo romance tem uma questão, tem uma resposta, tem o porquê estou escrevendo este livro e a busca formal do livro é uma busca pelas palavras certas para responder a essa pergunta: por que este livro?

Suas personagens são predominantemente femininas e encontram-se em deslocamentos, sejam espaciais ou existenciais. Essa é uma das marcas do romance contemporâneo, especialmente, o chamado *bildungsroman* de autoria feminina (COQUEIRO, 2021). A literatura, e sua literatura, especialmente, decorre de um *a priori* feminista?

Tatiana Salem Levy - Eu sempre me interessei muito mais pelo universo das mulheres do que pelo universo dos homens. É uma coisa que pode ser pelo simples fato de eu ser mulher ou não, porque muitas vezes a gente se fascina pelo outro, mas mesmo me fascinando pelo outro, eu tenho esse interesse em descobrir o mundo das outras mulheres mais do que descobrir o mundo dos homens. Talvez pelo mundo dos homens ser o mais conhecido, estar mais exposto, e o mundo das mulheres ter esse traço mais secreto, mais íntimo. Na literatura talvez, mais esse lado do diário, do escondido, de uma literatura mais subjetiva, menos evidente, mais misteriosa. Então, eu sempre me interessei mais por isso, sempre me atraiu mais, uma certa complexidade, uma certa ambiguidade talvez. E sempre gostei muito de ler mulheres, ler homens também obviamente, mas o meu interesse como escritora sempre foi navegar pelo universo das mulheres. Embora eu também tenha personagens masculinos, *Dois rios*, metade do romance é de um personagem masculino, que narra inclusive, mas acho que minhas questões são questões muito femininas e que muitas coisas dizem respeito a questão da violência contra a mulher, que aparece em todos os meus livros. Questões de uma certa opressão. A questão do corpo da mulher é uma questão fundamental em tudo que escrevo, porque também tem a ver como eu vejo o mundo, como eu experimento o mundo. É inevitável, eu não sei o que é ter um corpo de homem. Para mim, a escrita está muito ligada ao corpo, escrever é um ato físico, então não teria como não ser feminina nesse sentido, porque não tenho a experiência do corpo masculino.

O erotismo e uma corporeidade feminina proteiforme estão presentes em todos os seus romances. O corpo como território do erotismo e da decrepitude em *A chave de casa*; o erotismo, o gozo e o fantasma revisitado do HIV, em *Paraíso*; a violência e certa capacidade de sublimação em *Vista chinesa*. O erotismo é uma chave de compreensão para a literatura de autoria feminina?

Tatiana Salem Levy - Acho que o erotismo é uma forma de compreensão para a literatura e ponto, não para a literatura de autoria feminina. O sexo e o corpo fazem parte da vida, não consigo imaginar a literatura sem sexo, sem corpo, seja de autoria feminina, seja de autoria masculina. Não sei porque isso chama mais atenção quando é de autoria feminina. Literatura masculina também está cheia de erotização, mas talvez porque a gente ainda tenha essa imagem de que o homem pode e a mulher não pode. Um certo pudor ligado à mulher e que depois acaba desencadeando nessa ideia - que está distante, mas faz parte do mesmo pacote - que a mulher provocou o assédio, a mulher provocou o estupro, porque a mulher não tem essa relação com o sexo, não pode ter essa relação com o sexo, o homem que pode. Na verdade, o sexo faz parte da vida e tem que estar na literatura. Se não tiver o sexo, a morte, o amor, o corpo, a gente vai falar sobre o quê?

Em *Vista Chinesa* há uma “Nota da autora”, na qual você explicita todo o processo de composição da obra, e, principalmente, revela o elemento da verossimilhança que dá o mote ao romance, no caso, o estupro verídico sofrido por uma amiga. A obra é marcada por uma violência hiper-real, só atenuada pela alteração dos planos narrativos. Você acredita que esse elemento paratextual intensifica ainda mais a leitura e a recepção do romance?

Tatiana Salem Levy - Acho bem difícil responder a essa pergunta. Talvez as duas coisas caminhem juntas, porque não é um relato ou um relato jornalístico, é um romance. Acho que justamente, tentei colocar a força dessa história nessa linguagem romanesca, nessa linguagem ficcional, que para mim, enquanto escritora, essa linguagem faz com que o leitor chegue muito mais perto do que foi essa violência e do que foi esse continuar, do que foi o trauma e do que foi a continuação depois do trauma. Essa linguagem ficcional faz o leitor se aproximar muito mais dessa violência do que uma linguagem jornalística, por exemplo. Então o simples fato ou o nome não são suficientes para trazer toda essa força. Para mim, todo o trabalho foi pensar, experimentar, trabalhar a linguagem para fazer com que ela chegasse ali naquele lugar, naquela mata, naquela tarde. Acompanhasse aquela mulher que sofreu aquela violência terrível. Chegar naquele corpo, naquele dia e nos dias seguintes, nos anos seguintes. Isso é o poder da literatura, uma coisa que independe do fato ter acontecido ou não na realidade, das pessoas saberem ou não se aquilo aconteceu na realidade. Agora, a partir do momento em que a [Joana] pediu para colocar o nome e o nome foi colocado, porque quando escrevi o livro, não haveria o nome dela, não escrevi o livro pensando que o nome dela seria colocado no fim, foi só quando o livro estava quase pronto que ela pediu. Aí, a partir do momento que tem, que esse nome existe, acho que dá uma força adicional no sentido que ganha um nome, ganha um rosto e estabelece uma relação com o leitor e aquela pessoa, que deixa de ser um número, deixa de ser uma estatística para se tornar um rosto mesmo, uma história. Nesse aspecto, intensifica a força do relato.

Uma das frases mais contundentes do romance ocorre quando a narradora-protagonista está diante da mãe, logo após o estupro: “uma dor inalcançável, a impossibilidade de um sofrimento físico, palpável, a lacuna que nos separava” (LEVY, 2021, p. 17). Como foi o movimento de tradução dessa escuta traumática em um momento delicado também na sua condição feminina, como você revela na nota, a respeito da gestação?

Tatiana Salem Levy - Na verdade, a minha filha foi uma companheira na escrita desse livro. Quando eu quis escrever esse livro pela primeira vez, acabei não escrevendo porque me descobri grávida do meu primeiro filho. E achei que seria um tema muito difícil, muito doloroso, aí me veio logo toda aquela culpa da maternidade, pensando ‘ah, vou escrever um livro sobre um estupro estando grávida ou dando de mamar’, acabei deixando o livro de lado, fui fazer outras coisas. Foi na segunda gestação, de uma menina, que me deu uma vontade de repente. Estava até escrevendo outra coisa e decidi retomar o livro do estupro, *Vista chinesa*, quero escrever esse livro. Então digo que escrevi junto com a Esther, minha filha. Escrevemos juntas porque o tempo da escrita foi esse tempo da gestação, da amamentação, o tempo todo com ela. Foi uma coisa meio instintiva, meio animalesca, a coisa da menina crescendo dentro de mim. Uma certa necessidade de falar desse universo, dessa violência, do que as mulheres sofrem, mesmo as que não sofrem de uma forma tão extrema, como a descrita no livro, como a que sofre a Júlia, personagem do livro, acho que as mulheres já carregam essa ancestralidade, essa violência ancestral. As mulheres sofrem desde sempre. Nós temos esse medo. Sofremos vários tipos de violência, então é como se ela estivesse aqui dentro de mim falando isso. Já querendo mudar esse mundo de alguma forma, e eu querendo que esse mundo fosse melhor para ela. Menos machista para ela. Mas de uma forma não racional, um processo nada racional eu diria, muito animalesco e instintivo.

Ao final da nota você enfatiza a “urgência” com que Joana narrou o fato. Esse caráter enfático, de alguma forma, entrou na estética do romance? Penso na concisão, no ritmo, na preferência por um título que alude ao local do trauma, a segmentação do romance em duas partes e os diferentes planos temporais.

Tatiana Salem Levy - Tudo se mistura no livro. O que é da Joana, o que é meu, o que é das outras mulheres, o que é da minha imaginação, a própria nota foi escrita por mim. Então, não sei o quê dessa urgência é de fato da Joana, o que é o meu jeito de escrever, de falar das coisas, o quanto dessa ênfase não é minha, mas certamente essa escrita fragmentada, esses tempos que vão e voltam, essa concisão, isso é o meu estilo, é o meu jeito de escrever e o meu jeito de ver o mundo. Então, eu tenho uma coisa como escritora que é o contrário dessa coisa do detalhe. Eu tenho uma escrita de cenas, eu diria. Até tenho detalhes quando escrevo, mas é bastante cinematográfico. No sentido de que a escrita pula de cena em cena. Os capítulos vão pulando, não sou uma romancista de romances longos, que vai descrevendo tudo que vai acontecendo. Me centrei nas cenas que considero mais

importantes para contar uma história. Nisso, de fato, é bem parecido com o filme, que não tem tempo para mostrar tudo, ele mostra só as cenas mais importantes. Um recorte, isso em todos os meus livros, dessa forma, é o meu jeito de conceber. Essa coisa de ir e voltar no tempo, acho que não tem nenhum livro meu que seja linear. Meus livros e mesmo contos, textos mais curtos, têm isso de ir e voltar no tempo, porque o tempo não é linear. A gente está sempre voltando e indo para frente, imaginando o futuro e precisando voltar no passado para entender o presente. Os meus textos sempre voltam, vão e voltam, porque o passado é hoje. Então, eu teria muita dificuldade de contar uma história que acontecesse só agora, para qual o passado não importasse, preciso ir e vir.

A narradora encerra o romance com um aforismo: “cada coisa tem um monstro em si suspenso” (LEVY, 2021, p.104). Quais são os monstros da literatura e da condição feminina?

Tatiana Salem Levy - Em todos os meus romances, eu tenho algumas frases que não são minhas, que pego de outros livros, poemas, romances, contos, e coloco ali, depois nem eu mesma sei que frases são essas. Às vezes identifico, às vezes esqueço. Pela primeira vez, aqui, neste livro, resolvi agradecer e dizer explicitamente que peguei essas frases emprestadas. Então essa: “cada coisa tem um monstro em si suspenso” é um verso da Sophia de Mello Breyner Andresen que eu adoro, porque a Sophia tem uma poesia muito clássica e muito límpida, mas que de repente aparece esse monstro. Essa estranheza que faz com que as coisas no fundo não sejam assim tão límpidas, tão simples quanto aparentam ser. No fundo a poesia dela não é tão simples quanto parece ser. Tem algo de misterioso, tem a ver com aquela coisa feminina que falei no início, eu leio esse verso, eu entendo o verso, mas não o entendo completamente. O que para mim é o que me interessa na literatura, aquilo que eu não entendo, fico ouvindo e fico viajando nessa coisa do monstro em si suspenso. Fico imaginando um monstro mesmo, fico tentando imaginar e ao mesmo tempo não consigo imaginar esse monstro, ele se forma e se deforma, esses versos são muito enigmáticos. Então, se eu responder essa sua pergunta, vou tirar o enigma do verso. Prefiro não responder.

O último parágrafo do romance sugere uma alegoria entre a cidade e corpo violentados, cuja salvação seria, paradoxalmente, sua aniquilação, visto que nessa “mata comendo o asfalto” o elemento humano é subsumido pela natureza. Poderia comentar?

Tatiana Salem Levy - Eu também não gosto muito de comentar esse final, porque acho que ele tem algo de misterioso para mim. Como autora, não gosto de explicar, porque aí a gente vai tirar esse mistério, mas às vezes só morrendo para gente continuar vivo. E o Rio de Janeiro só morrendo para viver, voltar a viver. Foi engraçado como a cidade foi tomando conta do livro, eu não tinha isso na cabeça de forma tão clara quando comecei a escrever. Tem uma coisa que a floresta, no início, ela aparece como cúmplice do estupro. Não fosse a floresta, aquele homem não poderia ter estuprado a Júlia, porque ele precisa da mata para poder arrastar

ela para um lugar onde ninguém vai vê-la. E ela fica em pânico de estar ali naquela mata, porque ela pensa o tempo todo que ele vai matá-la, porque ninguém vê, ninguém ouve, então por que ele vai deixar ela viva? Nesse sentido, a mata é cúmplice dessa violência. Mas depois, na medida em que eu ia escrevendo, também fui vendo que aquela mata foi vítima e é vítima da violência dos homens ao longo dos séculos. Fui entendendo que esses dois corpos haviam sido violentados, o corpo da floresta e o corpo da Júlia. Então, de alguma forma esses corpos precisam estabelecer um elo e é nesse elo que uma nova vida é possível, mas num certo sentido, precisa de alguma morte, pode ser uma morte real no caso da cidade ou uma morte simbólica no caso da Júlia. É um pouco essa ideia de que a mata está invadindo a cidade, porque a cidade invadiu a mata, é real isso.

“A cura talvez venha pelos detalhes”, afirma a narradora-protagonista de *Vista Chinesa*, em dado momento. Você acredita que a literatura, de alguma forma, opera nessa dimensão de cura, diante das demandas traumáticas da condição feminina?

Tatiana Salem Levy - Quando a Júlia diz isso, ela está ali no divã psicanalítico, numa espécie de delírio, se eu contar isso todos os dias e começar a me lembrar de todos os detalhes, um pouco como o Funes, memorioso, de Borges, aquela coisa de lembrar de cada detalhe aí talvez venha a cura. Só que então é uma cura inalcançável, porque ao mesmo tempo que ela se lembra de todos aqueles detalhes, é impossível lembrar de todos os detalhes, que vão se confundindo na cabeça dela, a memória vai embaralhando, então, ela não vai chegar nessa cura, porque ela nunca vai ter os detalhes todos. Em outras palavras, eu não acredito na cura. A ideia de cura carrega a noção de que agora está tudo resolvido, a Júlia poderia voltar a ser o que ela era antes do estupro, porque ela está curada desse mal, isso não é possível, ela nunca vai voltar a ser a Júlia que ela era antes do estupro. É uma violência que ela vai carregar para sempre. O que a gente consegue na vida depois de um trauma, no próprio trabalho de luto, é um trabalho de luto que ela faz, luto daquela Júlia que não existe mais, daquele corpo que não existe mais, para ser uma outra Júlia, que tem um outro corpo. Fazer o trabalho de luto para aprender a conviver com aquela dor. A ser alegre, a ter momentos de alegria, a ter momentos de felicidade, a continuar viva sobretudo. Com aquela dor ali ao lado, a dor não vai embora.

Referências

BESSE, Maria Graciete. Uma poética dos corpos vulneráveis na ficção de Lídia Jorge. In: SALGADO, Maria Teresa (Org.) et al. *Escritas do corpo feminino: perspectivas, debates, testemunhos*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, p. 36-48, 2018.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

COQUEIRO, Wilma dos Santos. *Poéticas do deslocamento: o Bildungsroman de autoria feminina contemporânea*. Curitiba: Brazil Publishing, 2021.

FIGUEIREDO, Eurídice. *Por uma crítica feminista: leituras transversais de escritoras brasileiras*. Porto Alegre: Zouk, 2020.

LEVY, Tatiana Salém. *A chave de casa*. Rio de Janeiro: Record, 2014.

LEVY, Tatiana Salém. *Paraíso*. Rio de Janeiro: Foz, 2014.

LEVY, Tatiana Salém. *Vista chinesa*. São Paulo: Todavia, 2021.

ŽIŽEK, Slavoj. *Violência: seis reflexões laterais*. Boitempo Editorial, 2015.

Recebido em 1º de maio de 2022.

Aprovado em 7 de junho de 2022.